

SEXUALIDADE FEMININA – UMA VISÃO DA PSICANÁLISE

FEMALE SEXUALITY – A VISION OF PSYCHOANALYSIS

¹BASSANI, D. F.;¹OLIVEIRA, F.S.

^{1e2}Departamento do Curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica sobre a teoria psicanalítica desenvolvida por Sigmund Freud, sobre a história do feminino. A Sexualidade feminina, ao longo da história foi marcada por muitas influências sócio-históricas, gerando, várias manifestações, desde os primórdios a situação do feminino na sociedade é descrita por uma desigualdade e domínio social e sexual por parte do masculino. Sendo assim, a função “mulher”, sempre ficou restrita a submissão do homem.

Palavras-Chaves: Sexualidade Feminina, Psicanálise, feminilidade.

ABSTRACT

This work is the result of a bibliographical research on psychoanalytic theory developed by Sigmund Freud, about the history of women. The female sexuality throughout history was marked by many socio-historical influences, generating various manifestations, and from the earliest the state of women in society, is described by an inequality and social and sexual violence perpetrated by males. Thus, the "woman" has always been restricted to man's submission.

Keywords: Female Sexuality, Psychoanalysis, Femininity.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história as mulheres exerceram muitas vezes, papéis inferiorizados, discriminação no trabalho, na vida política, em contextos sexuais, e

foram por muitos, seres de teorizações, foco de estudo para discutir suas diferenças sociais advindas das diferenças sexuais.

Uma das teorias que analisou histórico do feminino, foi a psicanálise, onde constitui teoria física entre menina/mulher, desenvolvendo com isso; temas como: a falta de pênis como base constituída de uma inveja, também sobre a passividade como essencial característica da mulher, onde por muitas vezes elaborado por Freud, mantendo em seus estudos, esse discurso (FREUD, 1905, 1931 etc).

Ao estudar a histeria, Freud pode analisar melhor as mulheres, com isso, podendo oferecer uma nova visão sobre elas. Percebendo que a repressão da sexualidade, era ponto principal dessa patologia, onde também, surge um maior interesse sobre o desenvolvimento psicosexual do feminino.

Portanto neste trabalho, o que se pretende é articular o conceito de sexualidade feminina com foco principal na história da mulher e a feminilidade, buscando a compreensão de um sujeito contextualizado por outros poderes e saberes, enquanto um elemento fundamental no processo de subjetivação do ser humano.

DESENVOLVIMENTO

1.1 A História da mulher

Ao descrever a história da mulher, deve-se relatar sobre a situação do feminino na sociedade desde os primórdios. Em todo o seu contexto histórico, o conceito de mulher apresentou mudanças sociais e culturais, em consequência de uma sociedade que muda com o passar do tempo, decorrente das interferências da globalização, economia e suas relações sociais. Apesar dessas mudanças terem ocorrido tanto para os homens, quanto para as mulheres, não aconteceram da mesma maneira para ambos, nem adquiriram a mesma significação.

Desde os primeiros momentos, constata-se um período longo de domínio social do masculino sobre o feminino, pois as atividades que obtinham valores eram exercidas pelos homens. Sendo assim, valores negativos eram designados ao

feminino, portanto, uma única função escapa desse desprezo – a maternidade – mas, mesmo assim não deixou de ser subordinada e inferiorizada.

Na Idade Média, conhecida como o tempo das “trevas”, a religiosidade dava mais reforço a uma leitura superficial das mulheres (STEARNNS, 2010). Só durante a segunda metade da Idade Média, é que se começa a modificar essa situação, aparecendo um modelo que deixa de lado a desvalorização, enaltecendo os poderes da mulher. Um novo modelo é criado associado à aparição do código cortês, desenvolvendo um culto a dama amada e suas perfeições, isso a partir do século XII.

[...] As características específicas de civilizações particulares mostram claramente a existência de enfoques distintivos no que tange a padrões, representações e (até certo ponto) comportamentos sexuais. O advento das grandes religiões teve impacto decisivo sobre a sexualidade, em alguns casos propiciando novas justificativas e normas para padrões já estabelecidos, e em outras instâncias introduzindo consideráveis mudanças. (STEARNNS, 2010, p. 19).

Esse enaltecimento continua no início da Era Moderna, só que em novos parâmetros. Os elogios de seus méritos e virtudes, multiplicaram-se, mas sacralizaram a esposa-mãe-educadora e a maternidade começa a ser uma qualidade essencial do feminino, em um discurso que se refere às diferenças sexuais.

A partir disso, quando a sociedade começa a ser dividida por clãs, em tribos e aldeias, o modelo familiar começa a ser modificado. Na fase pré-capitalista, todos integrantes de um grupo, trabalharam em uma mesma atividade de produção. Devido à função de reprodução da mulher isso favoreceu para que esta fosse subordinada ao homem (STEARNNS, 2010) sendo considerada mais frágil e incapaz para direcionar seu grupo. O homem foi conquistando poder, isso pela idéia resultante de sua força física e aspectos de mando, assumindo uma “autoridade” na sociedade o que, conseqüentemente, levou ao surgimento de sociedades patriarcais: o homem como chefe de família. O masculino começou a criar certo interesse pela paternidade, pois traria uma herança garantida em futuras gerações e com isso uma posse de bens.

Cada vez mais a sexualidade feminina foi gerenciada pelos homens, tanto pelo interesse na continuação de seus bens, da herança, quanto pela reprodução de

descendentes. Assim, a função da mulher, ficou mais restrita a submissão do homem.

O patriarcal sobrevive mesmo na sociedade industrial, porém as atividades do trabalho são divididas com as atividades domésticas. Começa a diminuir famílias multigeracionais, surgindo famílias nucleares, onde a figura patriarcal continua, mas com a diferença de que as mulheres foram submetidas ao trabalho fabril.

No século XVIII e XIX, a Revolução Industrial, colocou a mulher no mundo do trabalho remunerado fora do lar (STEARNs, 2010). Em fases de crises, o homem era substituído pelas mulheres, isso pelo custo de mão-de-obra ser mais barato. Mas por busca de melhores condições de trabalho, as mulheres reivindicaram leis que possibilitassem direitos e igualdades. Na realização das mesmas atividades, a remuneração era inferior à dos homens, e além de trabalharem fora, eram responsáveis pelo afazeres domésticos e cuidados pela prole.

Os empregos domésticos e nas fábricas também propiciaram outros cenários. Embora não haja maneiras de medir a frequência desse tipo de ocorrência, alguns donos de fábricas e capatazes abusavam do poder de contratar e demitir mulheres com base em favores sexuais. (STEARNs, 2010, p.153).

Na sociedade capitalista, as mulheres continuaram sendo vistas inferiores aos homens, e cada vez mais pertencente a eles; seu marido, senhor. Portanto o adultério era proibido, e perigoso, pois colocava em risco a legitimidade da criança em relação à paternidade.

Apenas no Século XX, foi que as mulheres conseguiram lutar pelos seus direitos, através de organizações feministas, mas novamente, a inferiorização foi imposta, pois foram chamadas de “mal-amadas” pelos homens, e esposas submissas ao papel patriarcal.

A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE E A SEXUALIDADE

A sexualidade é um dentre os modos históricos pelo quais fazemos a experiência de constituirmo-nos enquanto sujeito (Foucault, 1984). E sobre diversos interesses esta, como manifestação biopsicossocial do ser humano, sofreu durante a história um rigoroso controle. O incentivo ou a negação, a Igreja, o Estado e os principais poderes, sempre se apropriaram desse aspecto para lucrar, dominar, entre outras possibilidades de exaltar. O sexo em sociedades cristãs, tornou-se algo

que era preciso examinar, vigiar, confessar e transformar em discurso, portanto só podia falar de sexualidade para proibi-la.

Contudo, no que dizia respeito à sexualidade, em termos ferais, a religião foi a maior das novas influências na história mundial. [...] A nova exaltação do celibato, particularmente no cristianismo e no budismo, foi o sinal mais notável dessa reorientação, mas diversas outras medidas regulatórias foram implementadas com direção similar, acentuando a noção de que o sexo era, ou poderia ser, um perigo para os valores humanos decorosos. (STEARNS, 2010, p.76).

O prazer torna-se um assunto indevido, ou encoberto por uma linguagem subliminar, ao longo da história cultural as mulheres carregaram preconceitos, que foram inventada e categorizada, marcada por diferenças em relação aos homens: submissas, sem direito a voz ou prazer. Conseqüentemente o feminino se inclui, sem protestar, com submissão e dependência, mostrando que o corpo de uma mulher é um lugar sem valores, que se vincula à corpos que cria, gera, que culpa, e que impõe grande sofrimento.

No tempo da Inquisição os esforços empreendidos pela Igreja Católica no sentido de identificar e punir os hereges que professavam crenças diferentes dos ensinamentos da Igreja. Criaram categorias, e mulheres se comportavam como tal; exemplos disso são as bruxas, pois o prazer era proibido e a inversão desta posição sexual poderia perverter a ordem do mundo. Por ser uma sociedade patriarcal, e sustentada pela Igreja, o feminino foi considerado dentro desta instituição, como algo perigoso, descontrolado e maligno, o que se verificou terrivelmente na caça as bruxas na Idade Média (SANTOS, 2004, p.144).

A partir destes relatos, percebe-se que as condutas sexuais eram estabelecidas e norteadas por padrões estabelecidos socialmente. No século XIII, os cavaleiros iam para o Oriente Médio, assim deixando suas mulheres sozinhas, e com isso significava um grande risco, inventaram uma aprendizagem religiosa, de que as mulheres deveriam ser pura, e apenas se dedicar a um único homem. Desta forma se constitui um dos mais eficazes modos de voto de pudor, onde impunham abstinência total de contatos amorosos, e que também diferenciava as mulheres: “santas ou prostitutas” (STEARNS, 2010, p.89).

Assim esse poder sobre a sexualidade feminina, estabeleceu padrões que resistem a séculos, sobrevivendo até mesmo em revoluções feministas. Portanto a subjetividade feminina sofre influências que educam a crer que a garantia de sua

vida está em outro sujeito, que irá lhe amar e lhe proteger: só poderá se “salvar” se existir a dependência. Isso criou no inconsciente das mulheres estruturas rígidas que não permitem acreditar em sua capacidade tanto de agir, quanto de buscar, exigir e conquistar.

Desconfiança na face aos prazeres e insistência sobre os efeitos de seu abuso para o corpo e para a alma, valorização do casamento e das obrigações conjugais, desafeição com relação às significações espirituais atribuídas ao amor pelos rapazes: existe no pensamento filosófico e dos médicos, no decorrer dos dois primeiros séculos, toda uma severidade da qual testemunham os textos de Éfeso ou de Marco Aurélio. (FOUCAULT, 2001, p. 45)

Num conceito freudiano, o feminino constitui um dos assuntos que concentra inúmeros questionamentos e vários significados. Segundo Foucault (1996) o conceito de feminino foi acusado de ser normatizador, por haver mantido o modelo familiar burguês nuclear como o centro de sua teoria como é manifestado na teoria do Complexo de Édipo. Mesmo assim, não foi considerado uma teoria conservadora, pois falava abertamente de sexualidade, homossexualidade e lidava quase que sem preconceito com todos os assuntos. Com isso, a sexualidade feminina ganhou destaque em estudos psicanalíticos a partir do interesse no tratamento de mulheres histéricas. O estudo dessas mulheres, possibilitou a Freud, obter um novo olhar sobre a questão sexual da mulher, tendo como consequência um novo campo do saber.

Inicialmente, em suas teorias, Freud (1931), prescrevia uma análise em que a sexualidade masculina e a feminina obtinham o mesmo desenvolvimento. Somente no decorrer de seus estudos, analisou que isso não é possível, pois o feminino precisava passar por mais um “trabalho” para se emergir. Na sexualidade infantil, o masculino é predominante, pois segundo Freud (1931) este fato é denominado pela primazia do falo, tendendo-se à atividade quando ao desconhecimento inconsciente da diferença anatômica entre os sexos.

Assim, conforme a teoria freudiana, a feminilidade é um dos destinos possíveis do Complexo de Édipo nas mulheres, trazendo uma insuperável inveja do pênis. Pois esta se estabelece de modo a ocupar um lugar de produção, por estar sempre presa a essas condições vividas na fase pré-edípica. Essa feminilidade corresponderia também, a uma posição de passividade pulsional, pois a libido em si é masculina, tornando o feminino em posição secundária. Mas uma nova proposta

apresenta uma conciliação, (FREUD, 1933) quando o tema novamente é abordado, mas com uma diferenciação de que a predominância da passividade pulsional pode ser superada no Complexo de Édipo.

As mulheres têm uma forte relação com a mãe e uma grande dificuldade de substituí-la, portanto a superação acontece quando a menina “aceita” desprender-se dela, com ela, do erotismo clitoriano (aspecto masculino). Assim não se trata de apenas um recalque e sim de uma superação e substituição do masculino para o feminino,

Assim (FREUD, 1923/1973, p.2.700), sustenta a descoberta do sexo feminino que se dá apenas na puberdade, além da polaridade entre o fálico e castrado. Só assim, a vagina será reconhecida como “albergue do pênis e herdeiro do seio materno”.

COMPLEXO DE ÉDIPO NAS MENINAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Em 1905 a vida sexual das mulheres ainda se encontrava mergulhada em uma impenetrável obscuridade, e também constituía um “continente obscuro” para a psicologia. Disse Freud a Marie Bonaparte: “A grande questão que jamais foi respondida e que ainda não fui capaz de responder, apesar dos meus trintas anos de pesquisa, da alma feminina, é: “O que quer uma mulher?”(FREUD, 1931)

No início, Freud presume existir um paralelo completo entre os dois sexos. Acreditava que a sexualidade das mulheres podia ser tomada simplesmente como análoga à dos homens (FREUD, 1931). Ele presume existir um paralelo entre os dois sexos, mas em sua segunda posição referente ao tema, a expectativa de existir um paralelo era equivocada, não há paralelo completo entre os dois sexos, o que poderia ser bastante natural se existisse, porém, isso não se vigorou.

O complexo de Édipo é quando a criança é ternamente ligada ao genitor do sexo oposto, ao passo que seu relacionamento como o do próprio sexo é predominantemente hostil. No caso das meninas, ela é ligada ao pai, portanto a mãe é vista como uma rival. Mas o complexo de Édipo nas meninas tem uma longa pré-história e constitui, sob certos aspectos, uma formação secundária.

Assim o primeiro objeto da menina é a mãe, portanto existiram algumas questões que instigava as pesquisas de Freud (1931): Como a menina encontra caminho para o pai? Como, quando e por que se desliga da mãe? Como a menina troca seu objeto original – a mãe – pelo pai?. Freud, vai pouco a pouco, se dando

conta da intensidade e duração da ligação pré-edipiana da menina à sua mãe, podendo durar até os cinco anos de idade. A ligação com a mãe domina em muito o período da primeira eflorescência sexual. Assim há uma dupla mudança exigida da menina antes que ela possa chegar ao complexo de Édipo “normal”: - modificação de seu órgão sexual; clitóris para a vagina – modificação de seu objeto sexual: da mãe para o pai. A mulher só atinge a normal situação edipiana positiva, depois de ter superado período anterior governado pelo complexo de Édipo negativo.

Portanto existem conseqüências ocorridas no decorrer do desenvolvimento do Complexo de Édipo, nas mulheres, em relação a inveja do pênis, umas das conseqüências; é o Complexo de Masculinidade; onde consiste na esperança de algum dia ela obter um pênis e assim tornar-se um homem. O complexo de masculinidade é ocasionado pela inveja do pênis, assim a menina fica presa nessa primeira etapa, podendo colocar graves dificuldades no caminho de seu desenvolvimento regular no sentido da feminilidade.

Assim, uma menina pode recusar o fato de ser castrada, enrijecer-se na convicção de que realmente possui um pênis e subseqüentemente ser compelida a comportar-se como se fosse um homem. Mas também o reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos, força-a a afastar-se da masculinidade e da masturbação masculina, para novas linhas que conduzem ao desenvolvimento da feminilidade.

O desligamento da libido – do desejo de um pênis, a filha vai para o desejo de um filho – da mãe ela desloca para o pai. O pai é tomado como objeto de amor e mãe como objeto de ciúme. Assim a menina precisa realizar dois movimentos: primeiramente se afastar da mãe e depois do pai. Ao afastar-se da mãe, ela entra no Complexo de Édipo propriamente dito. A menina pode, durante o Complexo de Édipo, voltar ao complexo de masculinidade através de uma identificação como o pai. Conseqüentemente duas mudanças devem ocorrer: o clitóris de ceder lugar à vagina, portanto: a masculinidade à feminilidade. Antes de chegar ao Édipo normal é preciso uma modificação em seu órgão sexual e uma modificação de seu objeto sexual.

[...] Há muito tempo compreendemos que o desenvolvimento da sexualidade feminina é complicado pelo fato de a menina ter a tarefa de abandonar o que originalmente constituiu sua principal zona genital – o clitóris – em favor de outra, a vagina. Agora, no entanto, parece-nos que existe uma segunda alteração da mesma espécie, que não é menos

característica e importante para o desenvolvimento da mulher: a troca de seu objeto original – a mãe – pelo pai. (FREUD, 1931, p. 233).

O órgão sexual principal na mulher, num primeiro momento, era o clitóris. Em conformidade com esse fato a sexualidade das jovens é de caráter inteiramente masculino. Assim a intensidade e a duração da ligação pré-edipiana da menina à sua mãe. O dano causado ao seu narcisismo conduz ao ressentimento contra a mãe. Enquanto, nos meninos, o Complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do Complexo de castração. Assim na mulher inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade. No menino a castração é ameaçada e no menino ela é executada.

CONCLUSÃO

A realização deste estudo, permitiu-se conhecer e analisar um pouco mais sobre a sexualidade feminina, já que é um assunto vasto e polêmico, onde deriva várias abordagens e problemas no contexto sociocultural em que vive a mulher.

As mulheres como a psicanálise vêm produzindo desde o século passado, quando Freud começou a analisar sua elaboração sobre a existência de um paralelo entre desenvolvimento de organização psicológica de meninos e meninas no Complexo de Édipo, é quando se questiona sobre a questão da diferenciação psíquica entre os sexos: meninos e meninas. Assim Freud elabora sua concepção do complexo de castração, quando se depara com as diferenças anatômicas entre os sexos, diferenciando o feminino e o masculino. A partir daí, suas reflexões, são elaboradas com os caminhos difíceis que a menina tem a direcionar à feminilidade, e também quando abandona seu objeto inicial de amor – a mãe – para substituir por um novo objeto.

Nesse sentido, a infância é um tempo precioso na constituição da subjetividade humana, pois é na infância que o indivíduo realiza as experiências que constituirão a base de toda sua subjetividade e na fase adulta pode ou reeditar as experiências vividas ou persistir na busca de substitutos para os pais.

Portanto, o que é a feminilidade? o que é considerado feminino hoje em dia? As novas versões de mulheres trabalhando fora de casa, tendo poder sobre a reprodução e a sustentação das famílias e até mesmo mulheres que almejam serem donas de casa mostram como o panorama se ampliou e como torna-se complicado buscar uma explicação teórica seja psicanalítica ou não. Foucault nos alerta

quanto à ciência psicológica pode ser inocente e quase ingênua em suas teorizações e proporciona ferramentas críticas na elaboração de estudos de gênero tais como os da sexualidade feminina.

REFERÊNCIAS

STEARNS, P.N. de **História da Sexualidade**. São Paulo: Contexto. 2010.

MIJOLLA, A. de **Dicionário Internacional da Psicanálise**. Rio de Janeiro. 2005.

SANTOS, M.I.A. de **Gênero e Comunicação: o masculino e o feminino em propagandas populares de rádio**. Imago. 2004

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade**. Paris. Gallimard, 1976.

FREUD, S. **Um caso de Histeria, Três Ensaio sobre a Sexualidade e outros trabalhos**. Vol. VII. Imago. (1901-1905).

FREUD, S. **O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos**. Vol XXI, Imago. (1927-1931).